

A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700

História de perfídia, dor e traições

A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700, de Alberto da Costa e Silva. Editora Nova Fronteira/ Biblioteca Nacional, 1.072 páginas. R\$ 82 Para o título do seu primeiro e ambicioso volume sobre o continente africano, "A enxada e a lança: a África antes dos portugueses" (1996), o poeta, ensaísta, memorialista, historiador e diplomata Alberto da Costa e Silva escolheu dois objetos que representavam uma oposição: a enxada como instrumento das mulheres, da vida e da paz, e a lança como ferramenta dos homens, da morte e da guerra. Seis anos depois, ele repete o procedimento em "A manilha e o libambo": palavras correntes no tempo da escravidão, "manilha" (pulseira de ferro usada como moeda) e "libambo" (corrente atada ao pescoço dos negros cativos) evocam dois processos paralelos dos séculos XVI e XVII: o desenvolvimento econômico da África e a violência da captura dos escravos.

Processos paralelos e complementares, mais do que opostos, já que Costa e Silva demonstra que a riqueza de muitos Estados africanos esteve entrelaçada durante séculos com a prática ignominiosa da escravidão — que, aliás, já era praticada na África muito antes da chegada dos colonizadores portugueses, inclusive por líderes tribais negros que negociavam cativos brancos, que vinham do Mar Cáspio, dos Bálcãs e da Grécia. E a presença européia nos dois primeiros séculos do tráfico negroiro, afirma o autor, não chegou a afetar as estruturas de poder locais africanas.

Nota-se, desde já, que Costa e Silva faz uma História do continente negro livre dos clichês maniqueístas que nos ensinam no colégio, relativizando e contextualizando um sistema que, na origem, era tido como normal e puramente econômico, só ganhando contornos raciais quando foi transplantado para as Américas, e o negro começou a ser identificado como escravo. Costa e Silva concilia a erudição enciclopédica sobre um continente cuja verdadeira História nos é quase desconhecida com a ousadia de propor interpretações novas sobre o fenômeno da escravidão — que talvez seja a instituição mais antiga e duradoura da Humanidade, tendo-se prolongado em algumas regiões do planeta até meados do século XX; ou seja, a forma mais cruel, terrível e violenta de recrutar e organizar o trabalho prevaleceu na História da Humanidade em quase todo o seu percurso.

O autor sugere, por exemplo, que a domesticação dos animais foi inspirada na escravização do homem — e não o contrário, como se costuma afirmar. Os homens teriam adotado recursos como a castração, o corte da orelha e a marca com ferro primeiramente contra seus semelhantes, e só depois contra os animais. "Semelhantes" até certo ponto, pois o grau de humanidade dos escravos foi durante séculos um ponto polêmico, até mesmo para as religiões muçulmana e católica — uma e outra omissas na condenação da escravidão, contribuindo para reforçar a ideologia que apresentava o negro como "quase-homem". Discussão semelhante, aliás, foi travada em relação ao índio brasileiro, sobre o qual se perguntava se teria alma...

Além de apresentar, num estilo fascinante e fluente, as diversas etnias e linhagens do continente africano, relatando aventuras cheias de conspirações, traições, assassinatos e perfídias de contornos shakespearianos, Costa e Silva questiona a tese de que os africanos viam os brancos que desembarcavam em sua costa como deuses — equívoco europocêntrico criado na época das conquistas de Cortez e Pizarro e alimentado, entre outros autores, pelo colonialista Rudyard Kipling (por exemplo, em "O homem que queria ser rei"). Na verdade, os africanos logo perceberam que os portugueses adoeciam e morriam com facilidade, por causa da malária, da febre amarela e das verminoses. Além disso, os invasores eram incapazes das proezas físicas dos africanos e, por andarem vestidos, davam a impressão de ocultar moléstias de pele. Sem falar que, depois de meses no mar sem trocar de roupa, eles estavam infestados de piolhos e fediam a morte e carne podre. O banho diário, lembra Costa e Silva, é uma invenção africana e americana, que os europeus só assimilaram tardiamente.

"A manilha e o libambo" não pára aí. Mostra que, ao contrário do que se pensa, diversas regiões africanas apresentavam uma organização política e uma estrutura social sólidas para os nossos padrões, além de sociedades altamente hierarquizadas, com um grau de complexidade notável.

